

## Marcas de leitura de Rui Barbosa<sup>1</sup>

Laura do Carmo

São frequentes as alusões à biblioteca de Rui Barbosa e ao seu devotamento aos livros e à leitura. Também é comum, entre os seus biógrafos e admiradores, entre editores de seus textos e pesquisadores de seu acervo, tanto bibliográfico quanto documental, acentuar a precisão de Rui nas citações, bem como as marcações, a lápis azul e, sobretudo, vermelho, em seus livros. Este artigo é uma breve incursão pelas marcas deixadas por Rui em sua biblioteca e em seu arquivo.

A biblioteca de Rui era o “instrumento de um estadista, de um político, de um jurista, de um advogado”.<sup>2</sup> Ele construiu um aparelhamento técnico de modo a obter todos os informes de que carecesse e dominava-o de tal maneira que podia armar-se para a luta na mais perfeita instantaneidade.<sup>3</sup> Mantinha-se atualizado com relação às principais publicações na Europa e nos Estados Unidos, de livros e de periódicos. Ao final da vida, tinha cerca de 35 mil volumes, abrangendo as mais diferentes áreas: destaca-se a parte jurídica (contemporânea e anterior a ele); e também coleções sobre política, economia, finanças; grandes e pequenas enciclopédias, vocabulários de diversas ciências e artes, biografias, história, brasileira, ciência, filosofia, matemática, medicina, botânica, estudos gramaticais, dicionários, literatura (a francesa, inglesa, italiana, espanhola, portuguesa [especialmente os mais antigos], clássicos gregos e latinos). Há poucos livros de escritores brasileiros em sua biblioteca, mas não há certeza se Rui não os possuía ou se ficaram com a família. Rui não dispensava ainda a leitura “de

<sup>1</sup> Artigo apresentado na VII Jornada de Cultura Gallega “Lexicografía Gallego-Portuguesa”. Granada (Espanha) 25 out. 2005. Agradeço a colaboração das bolsistas Maria Clara Antonio Jeronimo e Isabel Cristina de Oliveira no levantamento das anotações no Arquivo da FCRB.

<sup>2</sup> PIRES, Homero. Rui Barbosa e os livros. In: FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Rui, sua casa e seus livros*, p. 38-39.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 39.

lazer”, geralmente realizada à noite.<sup>4</sup> Em sua biblioteca existem romances de Alexandre Dumas (pai), Walter Scott, Edgar Allan Poe, de literatura policial, como a de Conan Doyle e Maurice Leblanc. Possuía cinco edições de *Dom Quixote*, em cuja leitura se divertia.<sup>5</sup>

Seu arquivo pessoal compõe-se de 60 mil documentos (correspondência, ras-cunhos, documentos, anotações, recortes de jornais etc.). Cerca de três por cento desses papéis (considerados em termos percentuais de documentos, não de páginas) são de próprio punho de Rui. Alguns documentos constituem-se de mais de mil páginas de alçaço, como os originais da *Réplica* e o *Manifesto à Nação*, “sobre do artigo 6º da Constituição e a intervenção federal na Bahia”.<sup>6</sup>

Rui possuía quase todos os livros que citava. Era cuidadoso ao citar e ao fazer as referências. Invariavelmente o trecho citado está assinalado com lápis vermelho.

Em 1902, Rui envolveu-se em polêmica linguística com um seu antigo professor – Ernesto Carneiro Ribeiro – em torno da redação e revisão do *Projeto do Código Civil Brasileiro*. Talvez fosse melhor dizer que Rui provocou a polêmica, que redundou em quatro livros, dois de Rui e dois de Carneiro Ribeiro, sendo três deles de mais de 800 páginas. Na *Réplica* (resposta de Rui às críticas do ex-professor ao seu parecer sobre o *Projeto*), Rui sustenta as suas correções com base em autores clássicos e em alguns gramáticos, alongando-se em abonações, citações e não poupando o seu “rival” de ironias. A *Réplica* teve como resposta a “Tréplica”.<sup>7</sup> E a discussão talvez tivesse continuidade, pois entre os papéis de Rui há um dossiê com o título: “Apontamentos para uma reposta ao Carneiro”.<sup>8</sup>

Apesar de jurista, Rui deteve-se basicamente na revisão de aspectos linguísticos do *Projeto*. Justifica ele que

<sup>4</sup> MAGALHÃES, Rejane Mendes Moreira de Almeida. *Rui Barbosa na Vila Maria Augusta*, p. 57.

<sup>5</sup> *Ibid.*

<sup>6</sup> MELO, Maria Lúcia Horta Ludolf de. Rui Barbosa e o manuscrito. In: LUSTOSA, Isabel et al. *Estudos históricos sobre Rui Barbosa*, p. 211. Em 1925, o imóvel em que Rui Barbosa morava, uma chácara no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro, foi comprado pelo governo federal, juntamente com o seu acervo de livros e documentos.

<sup>7</sup> RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *A redação do projeto do código civil e a réplica do dr. Rui Barbosa*.

<sup>8</sup> Documentos existentes no Arquivo Histórico-Institucional da FCRB, integralmente transcritos em BARBOSA, Rui. *Anexos à Réplica*, p. 137-145. As Obras completas de Rui Barbosa estão disponíveis em versão digital em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/rbonline/obrasCompletas.htm>>.

Quando a frase é simples e pura, através dela penetra diretamente a inteligência ao encontro do pensamento escrito. Mas, se ele se desvia da expressão natural e correta, forçosamente se há-de transformar a leitura em tedioso esforço de crítica e decifração, a que a redação das leis não deve expô-las, se as quer entendidas e obedecidas.<sup>9</sup>

Daí a polêmica com um gramático. É importante ressaltar que Rui era conhecedor e excelente usuário da língua. Era um estudioso das questões vernáculas, mas não era um gramático ou um filólogo, mesmo que o designem como tal. Isso não o desmerece, nem o torna menos autoridade. Mas autoridade no uso, marcado por construções arcaicas, pela vernaculidade e purismo. Era um bom conhecedor e curioso da língua, um usuário modelo, de um certo tipo de linguagem, não necessariamente a mais simples.

Rui é, de certa maneira, um reflexo do ambiente cultural da passagem do século XIX para o XX. É época em que muito se valorizava a escrita em padrões cultos e eruditos, época dos consultórios gramaticais (temas gramaticais tratados através de perguntas e respostas, geralmente em periódicos), das rixas em torno da língua, como a que se deu entre Joaquim Nabuco e José de Alencar, entre Cândido de Figueiredo e Paulino de Brito, entre Leite de Vasconcelos e Cândido de Figueiredo, esta em Portugal. E não deixou de ser o protagonista de uma das mais famosas polêmicas brasileiras em torno desse assunto. Ressalte-se que a discussão gira em torno do uso, do estilo, da eufonia, sem necessariamente promover um avanço nos estudos linguísticos. Antes, provou a diversidade de uso da língua (pelos escritores), a erudição e a teimosia dos contendores. É, sem dúvida, um documento importante para a pesquisa de determinadas questões de uso, de abonações e, por quê não, de enxovalhos e de melindres.

Na *Réplica*, Rui refere-se a Carneiro Ribeiro como “professor baiano”, “dr. Carneiro”, “mestre”, “ilustre filólogo”, invariavelmente com mordacidade:

Teve aqui um fartão de alegria o mestre, com a oportunidade, que se lhe deparou, de mostrar que o seu laureado aluno de outros tempos não sabe hoje concordar o verbo com o agente, que o escritor condecorado pelo dr.

<sup>9</sup> BARBOSA, Rui. *Parecer sobre a redação do Código Civil*, p. 1.

Carneiro, nos seus *Serões*, com os epítetos de esclarecido e exímio, babuja o nosso idioma como qualquer tamanqueiro de obra grossa.<sup>10</sup>

E ainda este, sobre o adjetivo “privada” que Rui sugere seja substituído por “particular”, devido à polissemia com o significado do substantivo “privada” (latrina):

Em questões, como esta, de gosto e, digamos assim, de olfato, nem sempre será o melhor aviso o que puder abundar em razões mais ponderosas. Aí o que decide com acerto, é o tato do entendido, a experiência do conhecedor, não logrando, muita vez, estribar o seu laudo noutro motivo que o seu próprio sentir, critério pessoal, instintivo e, não raro, indemonstrável.<sup>11</sup>

Carneiro Ribeiro é um pouco mais comedido no tom ofensivo, mas ironiza a verve de Rui, a quem se refere como “dr. Rui”, “emérito escritor”, “esclarecido contraditor”, “esforçado escritor”, entre outros epítetos:

A esse contínuo exagerar tudo, em que deliciosamente se engolfa o ilustrado dr. Rui Barbosa, já em seu primeiro trabalho, já em sua *Réplica*, não há como lhe pôr termo nem medida: é mar em que não acha fundo a sonda da moderação.<sup>12</sup>

Aqui prorrompe o autor da *Réplica* numa descabida irritação contra o obscuro autor das *Ligeiras observações*, pela estranheza notada na concordância da emenda àquele artigo e, numa insofrida explosão de enfado [...] ainda incendiado no mesmo agastamento.<sup>13</sup>

<sup>10</sup> BARBOSA, Rui. *Réplica*, t. 3, p. 148.

<sup>11</sup> *Ibid.*, t. 2, p. 202.

<sup>12</sup> RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *A redação do projeto do código civil e a réplica do Dr. Rui Barbosa*, p. 17-18.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 641.

Como os comentários sobre a biblioteca e sobre os hábitos de leitura de Rui enfatizam o seu costume de marcar os livros,<sup>14</sup> imaginei encontrar diálogos explícitos entre Rui e os seus livros de ciência jurídica, filosofia, história, política etc. Imaginei encontrar, na marginália, discussões com os autores, cruzamento de informações. Esse diálogo existe, porém de forma cifrada. Nos textos técnicos (direito, política, economia etc.) de sua biblioteca, observamos quase que só um tipo de marcação: assinala trechos que, provavelmente, foram ou seriam usados em seus argumentos. Os comentários, feitos na mesma língua em que o livro está escrito (latim, espanhol, francês, inglês, italiano), são poucos e, geralmente, apenas indicam o tópico tratado no trecho assinalado. A marcação dos trechos, normalmente usados para sustentar seus arrazoados e seus discursos, é uma indicação de suas escolhas, de sua base de pensamento, de sua formação e provavelmente de suas discordâncias. A leitura de sua obra pode apontar a interpretação das passagens assinaladas, só que, como advogado, provavelmente valeu-se de um mesmo trecho para sustentar ideias diferentes e mesmo opostas.

A sobriedade de marcações nos livros “técnicos” contrapõe-se às dos dicionários, dos tratados linguísticos e dos livros que ele mesmo intitulou como sendo de leituras nas horas vagas – literatura, ciência e religião. São, visivelmente, elementos para sustentar uma discussão, como a *Réplica*, pois versam sobre questões de gramática e de retórica. Os apontamentos em folhas avulsas e em cadernos complementam a marginália sobre linguagem. Um desses cadernos está intitulado “Literatura, ciência e religião: leitura em minhas horas vagas, 1864-1865”.<sup>15</sup> Desde os 15 anos ele tinha o hábito de anotar conceitos, frases, ideias, palavras, usos da língua extraídos de suas leituras de autores portugueses, especialmente os clássicos, que vão acompanhá-lo até o final da vida. São 668 passagens coletadas nos clássicos portugueses, duas em textos jurídicos e 14 em textos sobre a língua portuguesa, com indicação de assunto, tal como nesses exemplos:

<sup>14</sup> Cf.: FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Rui, sua casa e seus livros*.

<sup>15</sup> Documentos existentes no Arquivo Histórico-Institucional da FCRB, integralmente transcritos em BARBOSA, Rui. *Anexos à Réplica*, p. 147-201.

[141] [pensar pensamentos]

“Acostumei-me a pensar todos vossos pensamentos.”<sup>16</sup>

[189] [entre mim]

“...pensava eu entre mim”<sup>17</sup>

Existem também apontamentos que ele mesmo denominou de “notas lexicológicas”, distribuídas em cinco cadernos e em inúmeras laudas avulsas.<sup>18</sup> A letra indica que foram escritos em diversas épocas. Essas anotações consistem em agrupamentos de palavras afins, como um dicionário analógico para uso próprio, e de livros onde poderão ser encontrados os usos de algumas regências.

#### ALTO – MAGRO

Trangalhadaças. Bambalhas-asas. Esgalgado. Esgalgeirado. Esgaivotado. Esgrouviado. Esgrouvinhado. Tomba-ladeiras. Tomba-lobos. Zangalho. Zangaralhão. Tanganhão.<sup>19</sup>

De (após verbo)

*Determinar de*: Lusíadas, III, 37; IV, 93, 97; V, 7, 33; I, 83; IX, 21. D. Pedro, 75; D. Fernando, 25; D. João I, 20; Gil Vicente, II, 42, 58, 143, III, 158, 227.<sup>20</sup>

A comparação feita entre alguns textos de Rui e essas anotações demonstra que a variedade de sinônimos usada nesses textos foi obtida em tais apontamentos. Um dos artigos mais famosos é o intitulado “Porneia”,<sup>21</sup> no qual Rui critica o governo republicano e a polícia, que teriam o judiciário brasileiro (e a lei) em tão

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 160. Segundo nos informa Rui Barbosa, citação coletada à p. 35 da edição de 1849 de *Camões: estudo histórico-poético liberrimamente fundado sobre um drama francês...* de Antônio Feliciano de Castilho.

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 162. A citação foi coletada na mesma obra, à p. 66.

<sup>18</sup> Documentos existentes no Arquivo Histórico-Institucional da FCRB, integralmente transcritos em BARBOSA, Rui. *Anexos à Réplica*, p. 213-246.

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 215.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 220. A lista compõe-se de 101 regências pouco usuais de verbos que podem ser seguidos da preposição “de”.

<sup>21</sup> BARBOSA, Rui. *Porneia*.

pouca consideração, que permitiam o funcionamento de uma casa de prostituição em frente ao Tribunal, que, por hora, julgava uma petição de *habeas corpus*. Nesse texto, Rui usa 18 termos diferentes para se referir a prostituta ou a prostituição. Nada de tão extraordinário se considerarmos a vasta sinonímia desse vocábulo na língua portuguesa.<sup>22</sup> Causa certo ruído, no entanto, o fato de os comentários feitos por outrem sobre esse texto (e sobre outros) serem sempre relativos à linguagem. Não pode deixar de ser observada também a atenção dada ao termo “prostituta” por Rui (homem conhecido pela sobriedade e sisudez). Ele não coletou essa sinonímia em dicionários, ele a foi construindo em leituras diversas, conforme marcas que deixou em alguns livros. *Madame Pommery*, por exemplo, livro ofertado a Rui pelo autor em 1920, vinte anos depois de publicado o artigo em questão, tem alguns sinônimos de prostituta assinalados. Ou seja, Rui continuava atento à coleção.

É vasta a sua coleção de palavras pejorativas, tabuísticas e depreciativas. Usava-as sem pudor quando se sentia atacado. E parece que não se sentiu assim poucas vezes. Também colecionava termos médicos, anatômicos, nomes de plantas, de animais, assim como termos relacionados a cada um deles, seus hábitos e características, o que lhe propiciava empregá-los com precisão.

Um outro texto de Rui com esse teor é “Esfola da calúnia”.<sup>23</sup> Seu alvo, Gabriel Salgado, é chamado de porco para baixo. A cada cinco parágrafos Rui espezinha o inimigo, alvo do texto, com um campo semântico diferente (doente, animal, macaco, corrupto, vendido etc.), buscando termos e expressões provincianas, desusadas, chulas e até formais (mas de caráter depreciativo). Ressalte-se que não usa o termo “porco” nenhuma vez, mas o campo semântico relativo a esse mamífero e, por extensão, a indivíduo ou comportamento sem higiene e vil ficam patentes.

Que me faz a mim, porém, o nome, Gaspar, *Gregório*, ou Gabriel? *Salgado*, *Salobro* ou *Salpreso*? Mentira, calúnia ou aleive? Seja quem for o *borra-papéis*, daquelas *salgalhadas* (não lhe importa o batismo), o que delas transuda, como a umidade *purulenta* de um vasto *eczema*, é o soro de uma alma parva, maligna e baixa.

<sup>22</sup> O *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, por exemplo, relaciona mais de 120 sinônimos para a palavra “meretriz”.

<sup>23</sup> BARBOSA, Rui. *Esfola da calúnia*. No prelo.

Gamaliel Salgado foi procurar a *estrumeira*, onde outrora os rancores políticos deste regímen me tinham imaginado afogar a reputação. Nessas infâmias *trombejou* com prazer, como o *suíno* à cata de *túbaras*, debaixo da terra adubada. Saiu, empinando o *focinho lambuzado* com todas aquelas *sordícias*, como se em cada uma tirasse à praça um troféu.<sup>24</sup>

Alguns trechos são tão ofensivos que chega a ser constrangedor reproduzir.

Seus modelos de usuários da língua eram os portugueses padre Antônio Vieira, Antônio Feliciano de Castilho, padre Bernardes, Filinto Elísio, Damião de Goes, Fernão Lopes e Camilo Castelo Branco. Cito apenas alguns dos 31 autores dos quais colheu abonações para utilizar nos acréscimos que fez aos dicionários de Cândido de Figueiredo. Entre esses 31, só há um autor brasileiro: Monteiro Lobato, de cujo livro *Urupês*, publicado em 1918, Rui coletou termos regionalistas. Mas, a serem seguidos como modelo, quase só os portugueses, especialmente os mais antigos. Os termos regionais, tabuísticos e populares são instrumentos para a produção de determinado tipo de texto, frequentemente de resposta ao que ele julgasse uma calúnia.

As obras de referência em língua de sua biblioteca ultrapassam uma centena de títulos, sem contar os mais de 50 dicionários gerais de língua portuguesa (de definições, de sinônimos, etimológicos, de afixos, de galicismos), sendo que 15 deles têm comentários ou sinalizações. Entre estes, destacam-se os exemplares dos dois mais importantes dicionários de língua portuguesa publicados entre 1880 e 1922: *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, de Caldas Aulete, publicado em 1881, e as duas primeiras edições do *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Cândido de Figueiredo (de 1899 e 1913). A edição de 1922 desse dicionário está pouquíssimo anotada. Rui faleceu em maio de 1923.

Nas duas primeiras edições do dicionário de Cândido de Figueiredo, não há página sem observação, feitas em momentos distintos, como se pode observar pela cor da tinta, pelo desenho da letra. E se não todas, a maioria das notas são cruzadas entre si. Essas anotações e marcações consistem basicamente em: sina-

<sup>24</sup> Ibid. Grifei termos cujo significado, literal ou figurado, tem caráter pejorativo ou está relacionado ao mamífero da infraordem dos suínos. “Túbara”, por exemplo, é o mesmo que “trufa”, mas também significa “calosidade” e “testículo de animal”.



esquecimento. Se o texto de Rui é, por vezes, um jogo de esconder,<sup>26</sup> manusear as suas anotações é um jogo de achar. Cruza as anotações, inclui autor, obra e página, elabora lista de abreviaturas para obras, domina a técnica de citação e de referenciação.

Nas páginas iniciais dos primeiros volumes de cada edição, logo após o texto de apresentação do dicionário, Rui lista os livros que usou para abonar certos vocábulos ou significados (com o cuidado de atribuir uma sigla para cada, de modo a facilitar a consulta e a marcação). Esses livros são, em sua maioria, como disse antes, clássicos portugueses, alguns poucos títulos de conteúdo gramatical e vocabulários especializados.

No texto da *Réplica*, Rui lista 50 acréscimos que fez à primeira edição do dicionário de Cândido Figueiredo. Esse dicionarista escreveu a Rui dizendo querer acrescentar tais palavras na segunda edição do seu dicionário e pede, em carta, que lhe responda explicando o significado de alguns, que lhe fogem. No arquivo pessoal de Rui<sup>27</sup> existem manuscritos desse trabalho, que, ao que parece, nunca foi enviado ao destinatário. Figueiredo incorporou algumas dezenas de vocábulos à quarta edição.<sup>28</sup> A data da correspondência entre Figueiredo e Rui é de 1912.

Das marcações nos dicionários fui investigar as marcações em livros usados como fonte de abonações. Entre eles, destacam-se os 15 volumes dos *Sermões*, de padre Antônio Vieira. Todos sobejamente marcados. Seis deles com folhas apenas à primeira contracapa. Nessas folhas estão relacionados 193 assuntos e páginas de seis volumes sob o título “Lugares para extratar ou tomar nota”.<sup>29</sup> Nas páginas, estão marcados o início e o final de trechos que incluem os tópicos ou determinado uso da língua, relacionados nessas folhas. Esses trechos são argumentos retóricos, como se discutissem ou abonassem as afirmativas concretas que o advogado

<sup>26</sup> De esconder porque são herméticos, de difícil apreensão, por conta da linguagem rebuscada e da prolixidade, que exige do leitor um esforço sobrecomum para extrair a informação de que necessita.

<sup>27</sup> Documentos existentes no Arquivo Histórico-Institucional da FCRB, integralmente transcritos em BARBOSA, Rui. *Anexos à Réplica*, p. 203-210.

<sup>28</sup> Cândido de Figueiredo explica as razões de não haver incluído todas as palavras que Rui Barbosa havia citado como faltantes na primeira edição de seu dicionário. FIGUEIREDO, Cândido de. As últimas palavras do autor sobre a quarta edição.

<sup>29</sup> Ver figura 2.

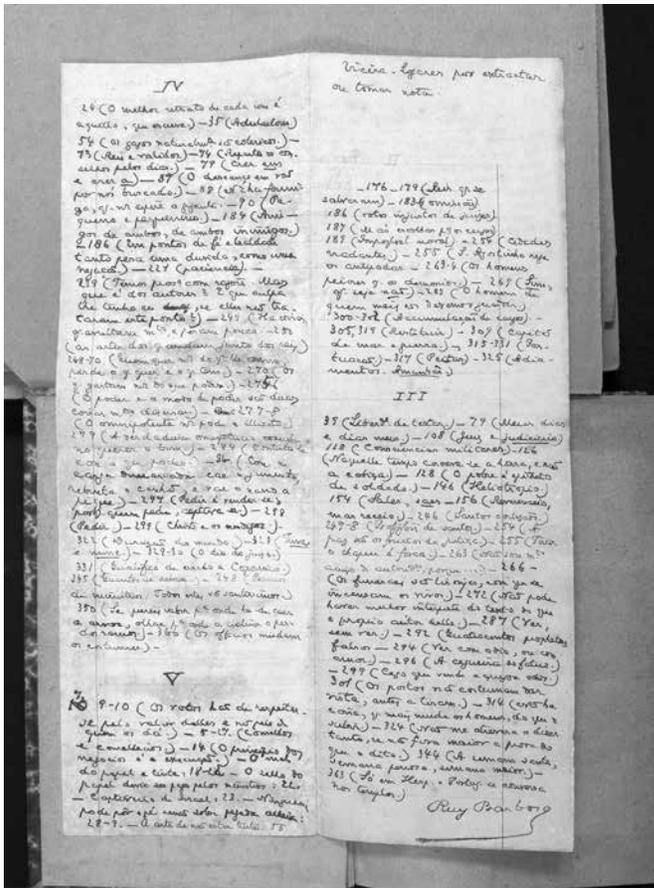


Figura 2: Manuscrito, colado ao volume 5 do livro *Sermões*, de padre Antônio Vieira (Lisboa: J. M. C. Seabra & T. Q. Antunes, 1854-1858), pertencente ao acervo de Rui Barbosa e existente na biblioteca da FCRB.

ou o político, ou ainda o homem em defesa de seus brios ou em ataque aos brios de outrem, empregará nos seus escritos.

As anotações de Rui parecem não ter, salvo raras exceções, o propósito de discussão com o texto lido, ou mesmo de estabelecimento de relações intertextuais. Mesmo que haja correções, complementações, quase não há a reconstrução ou o antagonismo declarado com o teor do que está proposto. Segundo George

Steiner,<sup>30</sup> corrigir é também uma forma de adesão. As sugestões ao Cândido de Figueiredo, por exemplo, é um exemplo desse tipo de adesão. Ele complementava e, às vezes, corrigia, dentro dos princípios/critérios da obra. Em quatro livros: *Nugas e rusgas de linguagem portuguesa*, de J.A. Pinto, *Novas reflexões sobre a língua portuguesa* e *Lições práticas da língua portuguesa*, ambos de Cândido de Figueiredo, e *Novo método de estudar*, de Luís Antônio Verney, há pouco mais de duas dezenas de discussões entre o leitor e o texto, sendo que essas discussões são fundamentalmente discordâncias baseadas em exemplos encontrados em autores clássicos.

No livro *Nugas e rusgas da língua portuguesa*, ao lado da expressão “ladeira íngreme” – o autor diz ser essa construção um pleonasmo. Rui acrescenta, no rodapé da página, “Pouco importa. O pleonasmo é um dos recursos e, às vezes, belezas da linguagem.” Talvez aqui um resquício das discussões com Carneiro Ribeiro.

Em *Lições práticas da língua portuguesa*, as discordâncias de Rui são em maior número, 17, entre 42 marcações. Essas discordâncias baseiam-se mormente pelos usos de autores clássicos. Por exemplo: “prometer de”<sup>31</sup> é tachado de solecismo. Rui faz uma cruzinha nesta informação e, em pé de página, escreve, em caneta preta: “Pois está enganado: *prometer de* é português clássico, desse Fernão Lopes, onde se encontra muitas vezes (E em Fr. S. de Sousa).” Depois, na mesma linha, só que em caneta vermelha: “E outros”. Sinal de que esta segunda nota foi feita em outro momento.

E ainda mais uma, sobre “até ao fim”<sup>32</sup> que seria uso abalizado por escritores modernos: “Não senhor: tem também a de todos os antigos clássicos”, escreve Rui como nota ao final da página.

O que as suas anotações revelam sobremaneira é o aperfeiçoamento, a instrumentalização dessa sua ferramenta de trabalho (segundo seus biógrafos, esses registros se intensificaram depois da *Réplica*). Incansável por natureza, sua preocupação com questões de linguagem, com o bem falar, com o falar altissonante/pomposo é denunciada por seus textos, pelas discussões em torno do assunto, pelas reflexões acerca da própria oratória nos seus discursos, mas como que postas às claras em suas anotações marginais. Esse tipo de reflexão anotada parece reinar

<sup>30</sup> STEINER, George. O leitor incomum, p. 18-19.

<sup>31</sup> FIGUEIREDO, Cândido de. *Lições práticas da língua portuguesa*, p. 128.

<sup>32</sup> *Ibid.*, p. 69.

em sua biblioteca e em seus registros pessoais (excluídas correspondências e originais de discursos, pareceres, artigos jornalísticos etc.).

Isso não quer dizer que Rui não rivalizasse com os livros que lia, mas que esse tipo de discussão acontece em livros que tratam de questões de linguagem, ou seja, os diálogos são com base na forma, mais que no conteúdo.

No exercício de luta pela democracia, pela defesa dos direitos humanos e sociais, o instrumento de luta do advogado e do homem público é o discurso. Mesmo que sejam acrescentadas provas e testemunhos irrefutáveis, eles só produzem o efeito desejado se acompanhados da palavra que os explique, que os contextualize e que os distorça quando necessário. Mas, como diz Bolívar Lamounier em estudo sobre o pensamento e ação de Rui: “E, como a palavra, a persuasão, a exortação e o esforço de convencimento são elementos constitutivos da esfera pública da democracia, não é surpreendente constatar que a oratória de Rui seja muitas vezes entrecortada por reflexões a respeito da própria oratória.”<sup>33</sup>

É revelador que a primeira linha das citações coletadas em Vieira tenha a seguinte citação “O melhor retrato de cada um é aquilo que escreve.”<sup>34</sup> Qual seria o retrato que Rui queria construir de si? A de um guerreiro que usa com destreza a sua arma: para se defender e para atacar? E, em muitos momentos, essa defesa é tão bem montada que a guerra está sujeita a não acontecer. O seu texto é escrito de tal maneira que o leitor, inúmeras vezes, não consegue penetrá-lo. Excedem em sinônimos, anáforas, comparações, termos raros (porém precisos), metáforas, frases longas, volteios, em cuja análise sintática o leitor se perde. E quando se encontra, são tantas citações que o leitor se intimida, ou desiste.

Ele foi acusado por José do Patrocínio de se ocultar atrás dos livros, de usar a correção do estilo e a prodigalidade das citações como “mais-valia”. A afirmação de José do Patrocínio pode ser injusta, porém não de todo falsa. Rui Barbosa não se furtava aos embates e à defesa dos ideais que julgava procedentes, porém sempre com uma armadura. Para enfrentá-lo, verbalmente pelo menos, era preciso ultrapassar essa barreira de 35 mil livros, listas de dados que revestiam os seus argumentos de certa aura, enxurradas de sinônimos e citações que atordoavam o receptor do discurso.

<sup>33</sup> LAMOUNIER, Bolívar. Rui Barbosa e a construção institucional da democracia brasileira, p. 120.

<sup>34</sup> Cf.: VIEIRA, Antônio. *Sermões*, v. 4, p. 24.

Vejamos alguns exemplos dessa prolixidade que se vale de citações. Em um discurso, pronunciado no Senado em julho de 1917, por conta de “Limites entre Santa Catarina e Paraná”,<sup>35</sup> Rui reproduz os significados dos termos “ânua” e “anual” em 28 obras, entre dicionários jurídicos, de língua portuguesa, francesa, inglesa, latina. Esse era o seu estilo.

Em seu arquivo pessoal há uma listagem com a idade de todos os presidentes americanos ao assumirem a presidência. Outra com o nome de todos os presidentes casados, o nome de suas mulheres, o ano do casamento e, por vezes, alguma circunstância especial, como esta que cito: “Madison, aos 32 anos trata casamento com uma rapariga de 12. Felizmente não casa. Casou-se depois, aos 43 com uma viúva de 36.”<sup>36</sup> Essas notas fundamentam um artigo intitulado “Casamento do presidente da República”,<sup>37</sup> em que Rui critica a cerimônia de segundas núpcias do presidente Hermes da Fonseca – seu desafeto declarado – por estarem as núpcias em desacordo com a austeridade republicana. Hermes ficara viúvo em 1912 e, um ano depois, casou-se com Nair Teffé, a primeira caricaturista brasileira, uma linda jovem, 31 anos mais nova que ele. Em seu texto, Rui insinua que esta era uma afeição antiga.

Vasculhar as anotações de Rui é como que descobrir, tocar o material de que fez o seu retrato. A sua linguagem, parece, é como um escudo que burilou durante toda a vida para construir e manter o retrato pelo qual queria ser visto: os seus textos. Pode ser que retrato e retratado se confundam em alguns momentos, vide o empenho com que se dedicou a responder a cada consideração sobre os seus conhecimentos de língua portuguesa na revisão do *Projeto do Código Civil*. O excesso de comentários “grosseiros” que acompanha as suas argumentações linguísticas revela o lado passional daquele que escrevia. Nunca, porém, perdia o raciocínio lógico ou a correção da frase. Para construir esse retrato, foram anos de trabalho, dedicação e método, além da fabulosa memória (não faltam histórias e depoimentos pessoais sobre essa sua qualidade).

<sup>35</sup> BARBOSA, Rui. Limites entre Santa Catarina e Paraná.

<sup>36</sup> BARBOSA, Rui. Casamento do marechal Hermes. Notas sobre as mulheres de presidentes. In: \_\_\_\_\_. *Discursos parlamentares e jornalismo*, p. 341-345.

<sup>37</sup> BARBOSA, Rui. Casamento do presidente da República. In: \_\_\_\_\_. *Discursos parlamentares e jornalismo*, p. 78-98.

Em algumas das notas marginais de sua biblioteca, a intenção de defesa ou de ataque está clara, como no comentário “Resposta aos que, no Brasil, m’o tem criticado a mim”, aposto em *Novas reflexões sobre a língua portuguesa*. Cândido de Figueiredo, autor do livro, concorda com o uso de *pele* em lugar de *por*, aboando com Vieira (“Dava graças a Deus pelos ter escolhidos”).

Já em outro comentário, aposto no livro *Nugas e rusgas...*,<sup>38</sup> o indivíduo Rui Barbosa parece mais presente. O autor, P.A. Pinto, justifica a propriedade de uso da expressão “por completo”. Para reforçar o seu argumento, cita uma série de escritores “autoridades na língua” que o utilizaram, entre eles Rodrigo Otávio, oponente de Rui na “Questão Minas x Werneck”.<sup>39</sup> O comentário que Rui escreve no rodapé dessa página não tem caráter formativo ou informativo. Escreve: “Rodrigo Otávio, autoridade em coisas de linguagem. Ora esta!” Claro que aqui o que se lê é a raiva contida e um certo desprezo. E a expressão “ora esta” é de uma naturalidade que raramente se encontra na escrita ruiana.

Esses poucos exemplos colhidos na biblioteca de Rui corroboram a imagem que dele se faz: metódico, estudioso, bem informado, criterioso, erudito, obsessivo, determinado, mordaz, inteligente etc., etc. Eles como que comprovam a sua biografia. Suas anotações são formais e metódicas, como se nunca houvesse uma hesitação. Segundo George Steiner, as anotações marginais têm características distintas. Enquanto o que se chama de marginália teria um caráter impulsivo e impaciente, a discutir com os textos:

As simples anotações costumam ser numeradas e tendem a ter caráter mais formal e colaborador. [...] Propõem-se a elucidar esse ou aquele ponto do texto, citar fontes paralelas ou subsequentes. Enquanto o escritor de marginália é um rival incipiente do texto que lê, o simples anotador é alguém que se propõe a servir-lhe.<sup>40</sup>

E, acrescentaríamos, no que se refere a Rui, a servir-se deles.

<sup>38</sup> PINTO, P.A. *Nugas e rusgas da língua portuguesa*, p. 37.

<sup>39</sup> BARBOSA, Rui. *Questão Minas x Werneck*.

<sup>40</sup> STEINER, George. *O leitor incomum*, p. 18.

REFERÊNCIAS

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Lisboa: A.M. Pereira, [1881]. 2 v.

BARBOSA, Rui. *Anexos à Réplica*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1969. (Obras completas de Rui Barbosa, v. 29, 1902, t. 4).

\_\_\_\_\_. *Discursos parlamentares e jornalismo*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1966. (Obras completas de Rui Barbosa, v. 40, 1913, t. 5). p. 78-98.

\_\_\_\_\_. Esfola da calúnia. In: \_\_\_\_\_. *Trabalhos diversos*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. (Obras completas de Rui Barbosa, v. 40, 1913, t. 7; v. 41, 1914, t. 5). No prelo.

\_\_\_\_\_. *Questão Minas x Werneck*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1980. (Obras completas de Rui Barbosa, v. 45, 1918, t. 4 e 5).

\_\_\_\_\_. Limites entre Santa Catarina e Paraná. In: \_\_\_\_\_. *Discursos*. (Obras completas de Rui Barbosa, v. 44, 1917, tomo 2). Tomo em preparo.

\_\_\_\_\_. *Parecer sobre a redação do Código Civil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1949. (Obras completas de Rui Barbosa, v. 29, 1902, t. 1).

\_\_\_\_\_. Porneia. In: \_\_\_\_\_. *A imprensa*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1967. (Obras completas de Rui Barbosa, v. 26, 1899, t. 7). p. 255-259.

\_\_\_\_\_. *Réplica*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1953. (Obras completas de Rui Barbosa, v. 29, 1902, t. 2 e 3).

FIGUEIREDO, Cândido de. *Lições práticas da língua portuguesa*. Lisboa: A.M. Teixeira, 1900-1911. 3 v.

\_\_\_\_\_. *Novas reflexões sobre a língua portuguesa*. Lisboa: A.M. Teixeira, 1917.

\_\_\_\_\_. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Tavares Cardoso, 1899. 2 v. 2. ed. Editora A.M. Teixeira, 1913.

\_\_\_\_\_. As últimas palavras do autor sobre a quarta edição. In: \_\_\_\_\_. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 4. ed. cor. e amp. Lisboa: Arthur Brandão, 1925. v. 1, p. v-vi.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Rui, sua casa e seus livros*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1980.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LAMOUNIER, Bolívar; MASCARO, Cristiano. *Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

LOPEZ, Telê Ancona. A biblioteca de Mário de Andrade: seara e celeiro de criação. In: ZULAR, Roberto (Org.). *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras, 2002. p. 45-72.

LUSTOSA, Isabel et al. *Estudos históricos sobre Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2000.

MAGALHÃES, Rejane Mendes Moreira de Almeida. *Rui Barbosa na Vila Maria Augusta*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1994.

PINTO, J.A. *Nugas e rusgas de linguagem portuguesa*. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunais, 1919.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *A redação do projeto do código civil e a réplica do Dr. Rui Barbosa*. Salvador: Dois Mundos, 1905.

STEINER, George. O leitor incomum. In: \_\_\_\_\_. *Nenhuma paixão desperdiçada: ensaios*. Trad. Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 13-31.

TÁCITO, Hilário. *Madame Pommery*. São Paulo: Revista do Brasil, 1920.

VERNEY, Luís Antônio. *Novo método de estudar*.

VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Lisboa: J.M.C. Seabra: T.Q. Antunes, 1854-1858.

